

## O ARROIO A RUA O VERDE A VIDA – UMA CARTOGRAFIA DAS BORDAS: APROXIMAÇÕES ENTRE MEIO SOCIAL E MEIO NATURAL NO ARROIO PEPINO

VALENTINA MACHADO<sup>1</sup>; EDUARDO ROCHA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>PROGRAU/UFPEL – [valentina.rigon.machado@gmail.com](mailto:valentina.rigon.machado@gmail.com)

<sup>2</sup>PROGRAU/UFPEL – [amigodudu@yahoo.com.br](mailto:amigodudu@yahoo.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho desenvolvido na linha de pesquisa urbanismo contemporâneo pretende, a partir da aproximação entre as teorias do urbanismo ecológico (MOSTAFAVI; DOHERTY 2009) e da filosofia da diferença (DELEUZE; GUATTARI 1995) realizar um estudo sobre as bordas do Arroio Pepino na cidade de Pelotas (Figura 01), Rio Grande do Sul. A pesquisa entende, a partir do marco teórico, que é preciso lançar um olhar à cidade contemporânea que considere a inter-relação entre as instâncias do meio social e do ambiente natural. A fragilidade do planeta e de seus recursos deve ser encarada como uma oportunidade para investigar novas possibilidades. Desta forma o estudo pretende, através do método da cartografia sensível, entender as relações existentes entre indivíduos e meio natural, buscando outro tipo de informações, não visíveis nos mapas tradicionais contribuindo para a compreensão do que existe nas bordas deste arroio localizado em uma das bacias (Figura 02) mais densamente urbanizadas do município.



Figura 01: Limite Urbano do Município e delimitação da bacia do Arroio Pepino.  
Fonte: Autora, 2017.

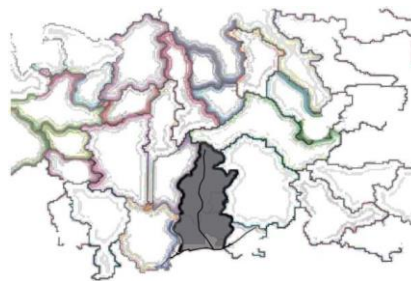


Figura 02: Limites entre as bacias e localização do arroio.  
Fonte: Autora, 2017.

O urbanismo ecológico surge como uma forma de reconciliar a paisagem com a ocupação urbana na contemporaneidade, e segundo os conceitos de Mohsen Mostafavi (2009) “o urbanismo ecológico pode ser visto como um instrumento que proporciona práticas e sensibilidades capazes de apurar nossas perspectivas em relação ao desenvolvimento urbano”. Richard Forman (2009) afirma que “as interações ou os efeitos recíprocos entre as pessoas e a natureza são essenciais para entender e planejar regiões urbanas. É preciso estudar a dinâmica das pessoas afetando a natureza e da natureza afetando as pessoas”.

A pesquisa em andamento tem como objetivo analisar as relações entre os indivíduos e a natureza residual nas bordas de um arroio urbano através do método da cartografia. Conforme Julio Arroyo (1995) “no campo disciplinar da arquitetura, o termo borda se associa não só com a ideia de um fechamento que deslinda campos com precisão, como também com um estado ou situação intermediária entre duas áreas ou regiões adjacentes”. As bordas, para Arroyo

(2007), “geram uma fenomenologia que se registra tanto na ordem física da cidade como na simbólica: uma via marginal não só implica o limite entre a terra firme e a passagem da água como também um encontro entre cidade e natureza”. Estas áreas se configuram como limites e ao mesmo tempo espaços de transição, consideradas territórios únicos, um lugar entre lugares. Unem ou separam, são elementos potentes e ambíguos do espaço urbano.

## 2. METODOLOGIA

Segundo Deleuze e Guattari (1995) “a cartografia é uma forma de produzir conhecimento”, e através da utilização do método cartográfico se pretende acessar as experiências dos indivíduos, fazer conexões e descobrir o que é vivido neste cruzamento entre homem e natureza.

A palavra cartografia remete a mapas, que representam um espaço e para John Brian Harley (1991) “os mapas sempre existiram, ou, pelo menos, o desejo de balizar o espaço sempre esteve presente na mente humana”. O método da cartografia se constitui como um modo de conhecer que se dedica a acompanhar os processos. As pistas (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2009) “respondem a um desafio de desenvolver formas de pesquisar que se dediquem ao estudo de processos e que elas próprias se efetuem por uma processualidade”.

“A cartografia urbana é como uma forma exploratória das sensações, dos sentimentos e dos desejos que fluem e escorrem na cidade contemporânea. Uma das tarefas do cartógrafo é trazer à tona acontecimentos que, em outras formas de análise urbana, não são considerados” (ROCHA, 2008).

Os procedimentos metodológicos contemplam a **revisão bibliográfica** a respeito das teorias do urbanismo contemporâneo, da filosofia da diferença e das relações entre indivíduos e o meio natural em bordas intra-urbanas; a **caminhada exploratória** que possibilita “fazer a cartografia a partir da experiência itinerante, como forma de compreensão e apreensão da cidade” (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2009); a **autofotografia**, descrita por Robert Ziller (NEIVA-SILVA E KOLLER, 2002) que se caracteriza por ser um procedimento fotográfico executado pelo próprio sujeito da pesquisa que elege o que quer fotografar, o ponto de vista, o horário, etc., é autônomo no ato de fotografar e responder a questão de pesquisa; e **entrevistas cartográficas** que segundo Silvia Tedesco são experiências compartilhadas entre o entrevistador e os entrevistados (TEDESCO *et al.*, 2013).

Cartografar “implica alguma coisa que violenta o pensamento, que o tira de seu natural estupor, de suas possibilidades apenas abstratas” (DELEUZE. 1998).

A análise em cartografia

“(…) consiste em dar visibilidade às relações que constituem uma dada realidade, na qual o pesquisador se encontra enredado. Em cartografia, não há como separar a análise das demais fases da pesquisa. Ela não é uma etapa a ser realizada apenas ao final do processo, na qual o material de campo poderia ser, enfim, compreendido. A atitude de análise acompanha todo o processo permitindo que essa compreensão inicial passe por transformações” (BARROS e BARROS, 2013).

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Alguns aspectos relevantes levaram à escolha do Arroio Pepino dentre os outros cursos d'água existentes na cidade como objeto de pesquisa: a localização estratégica; área de conexão entre diversos bairros da cidade; avenida marginal ao arroio considerada um importante eixo estruturador urbano. Está inserido entre duas áreas de influência na formação urbana do município, a oeste o centro histórico e a leste o sítio charqueador, ambos reconhecidos como patrimônio cultural do município.

É uma área que se apresenta como um lugar de diversidade e complexidade, com características bem definidas tanto no alto curso do arroio quanto no baixo curso. Verificou-se em uma caminhada exploratória de reconhecimento que a linha do arroio apresenta em seu entorno realidades socioeconômicas distintas, o que traz maior riqueza para a realização do estudo.

No alto Pepino (Figura 3) observa-se uma zona de alto poder aquisitivo, considerada uma área nobre da cidade, com pouca ou nenhuma poluição do curso d'água, com inserção de árvores exóticas e ornamentais, estabelecimentos comerciais voltados à população de alta renda.

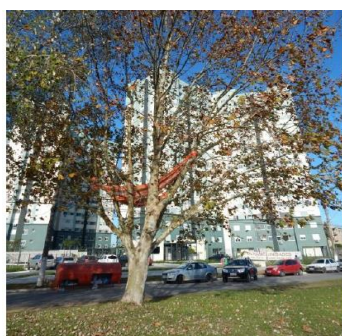


Figura 3: Alto curso arroio  
Fonte: Autora, 2017.

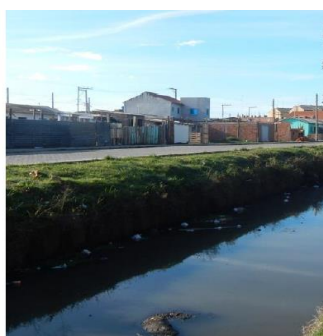


Figura 4: Baixo curso arroio  
Fonte: Autora, 2017.

Na área do baixo Pepino (Figura 4) se localizam ocupações irregulares realizadas por famílias de baixa renda. Possui graves déficits de infraestrutura urbana e na qualidade do espaço público. Está inserida em uma área especial de interesse cultural da cidade, é parte integrante do sítio charqueador pelotense e se localiza em uma zona de preservação da ambiência, esta área guarda uma importante parte da memória cultural da cidade.

Buscando identificar os diversos pontos de vista que habitam uma mesma experiência (viver na borda) foi definido, após este contato inicial com o território, que tanto o procedimento das caminhadas assim como a autofotografia serão realizados por um grupo misto formado pela pesquisadora, um estudante da graduação em arquitetura e urbanismo, um representante do poder público e um ou mais moradores visando captar as sensações e sentimentos; desvendar relações; descobrir significados; conhecer cotidianos; fazer visível o não visível.

#### 4. CONCLUSÕES

A pesquisa encontra-se em estado inicial, na fase de revisão teórica e bibliográfica dos diversos conceitos que serão aprofundados durante o desenvolvimento da pesquisa. Para Jane Jacobs (2011) “as cidades são um imenso laboratório de tentativa e erro, fracasso e sucesso. É nesse laboratório que o planejamento urbano deveria aprender, elaborar e testar suas teorias”. Desta forma é fundamental a busca pelo entendimento do que habita nesta borda urbana através da imersão neste território.

Em um contato preliminar com o objeto de estudo percebe-se uma inversão na forma de ocupação deste espaço distinto: na porção do baixo curso, onde a poluição é maior ocorre um uso intenso pela população, o que não acontece na porção do alto curso, que mais bem cuidado mais limpo e agradável não atrai a população local. Do ponto de vista da vida pulsante da cidade o alto Pepino se caracteriza como um espaço morto, ao passo que o outro, negligenciado, vive.

Espera-se que os futuros resultados dessa pesquisa possam auxiliar no progresso de estudos sobre as relações entre indivíduos e meio natural, fornecendo ferramentas que auxiliem arquitetos e urbanistas a compreenderem de outra forma estes espaços a fim de que, os resultados obtidos tragam melhorias para os processos de projeto e planejamento urbano.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROYO, Julio. **Espacio público. Fenomenologías complejas y dificultades epistemológicas**. Cit. SCHUTZ, Alfred (1974). El problema de la realidad social. Bs. As., Amorrortu, 1995.
- ARROYO, Julio, **Bordas e espaço público. Fronteiras internas na cidade contemporânea**. Arquitectos, São Paulo. 2007. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/07.081/269>. Acesso: 23 de outubro. 2017.
- BARROS, Letícia Maria Renault de and BARROS, Maria Elizabeth Barros de. **O problema da análise em pesquisa cartográfica**. *Fractal, Rev. Psicol.*[online]. 2013, vol.25, n.2 Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922013000200010&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922013000200010&script=sci_abstract&tlng=pt) Acesso: 10 de março de 2018.
- DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1995.
- FORMAN, Richard T.T. Ecologia Urbana e distribuição da natureza nas regiões urbanas. In: MOSTAFAVI, M.; DOHERTY, G. (Org). **Urbanismo Ecológico**. São Paulo: Gustavo Gilli, 2009.
- HARLEY, John B. **A nova história da cartografia**. *O Correio da UNESCO – Mapas e cartógrafos*. Edição em português, 19 (08). São Paulo: FGV, 1991.
- MOSTAFAVI, Mohsen. Porque um urbanismo ecológico? Porque agora? In: MOSTAFAVI, M.; DOHERTY, G. (Org). **Urbanismo Ecológico**. São Paulo: Gustavo Gilli, 2009.
- NEIVA-SILVA, Lucas; KOLLER, Sílvia Helena. **O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia**. In: Estud. psicol. (Natal) [online]. 2002, vol.7, n.2, pp.237-250. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2002000200005&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2002000200005&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso: 22 junho de 2018.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Orgs.). **Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e Produção de Subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- ROCHA, Eduardo. **Cartografias urbanas**. Revista Projectare 01/2008.
- TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Vieira. **A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer**. *Fractal, Revista de Psicologia*. Rio de Janeiro, v.25, n. 2, Ago/ 2013. Fonte disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-02922013000200006> Acesso: 15 de agosto de 2018.